

A ALQUIMIA DA SOPA

O dilema da sopa é de uma profundidade filosófica que faria Schopenhauer remexer-se na tumba: o desejo tomar uma sopa nasce inflamado, mas a ação tropeça no torpor da alma gelada da preguiça de fazer a sopa.

Bem, mas sempre há o bufê de sopas da padaria da esquina. O problema é que ali, ladeadas por panelas de inox reluzentes sob luzes de supermercado, as sopas jazem mornas e tristes, sem alma, órfãs de qualquer gesto amoroso. Tomar sopa nesse cenário é como tentar se aquecer com um cobertor molhado.

Preparar uma boa sopa, é um ritual, quase um ofício sacerdotal, desde que se tenha em mente, que a vida, não é feita só de grandiosas cerimônias. Às vezes, o que a noite fria pede é uma alquimia singela e despretensiosa. Abrir a geladeira como quem abre um grimório doméstico, lançar um olhar às batatas esquecidas, às cenouras tristes, a um resto de couve, meia cebola chorosa no fundo da gaveta. E então, com um fio de azeite, um tacho de água quente e um punhado de sal, transformar despojos em conforto.

A beleza da sopa caseira está justamente nisso: na leve transgressão da receita, na liberdade de improvisar. Não há erro. Jogue um punhado de ervas, quem sabe um restinho de arroz do almoço, um macarrãozinho perdido na despensa. O fogo baixo faz sua mágica, e logo a casa inteira se inunda daquele perfume maternal que acolhe e embala.

A sopa perfeita não é a mais elaborada, mas a que carrega em cada colherada a memória de um carinho, de um momento roubado ao automatismo da vida. Não é a sopa da padaria, pasteurizada e anônima, mas aquela que você mesmo, vencendo a preguiça e abraçando o simples, trouxe à existência.

E, ao final, com a cumbuca quente nas mãos e o vapor embaçando os óculos, você perceberá que aquele pequeno esforço valeu a pena. Não foi só uma sopa: foi um gesto de cuidado consigo mesmo. E há gesto mais revolucionário do que esse em tempos tão apressados?

Agora me diga: que sopa vamos inventar hoje?